

SER DIFERENTE

Do que ainda me lembro em pequena, era, sempre que tinha de pegar em alguma coisa para brincar, ou comer, a mão esquerda ia sempre à frente. Quando o meu pai descobriu a minha tendência, não gostou. Eu era canhota e daí começaram os meus problemas. Davam-me coisas para verem com qual mão pegava e eu, na minha inocência, ia logo com a mão esquerda. Começaram a vir também os castigos e as sapatadas na mão esquerda. E foram muitas, não faço ideia, mas venci ou não, também não sei, pois ainda era muito pequena. Os meus pais tinham um criado que era canhoto e o meu pai muito se arreliaava, dizendo para o rapaz que se o pai tivesse um “vergueiro” que ele faria tudo com outra mão. Por azar nasço eu com tendência canhota, como se fosse um castigo para o meu pai, mas cada um é como é.

Entrei para a escola com sete anos e meio e a professora que até tinha o mesmo nome que eu e era minha prima, recebeu o recado do meu pai para que ela me obrigasse a escrever com a mão direita. Ela chegou ao ponto de me prender a mão esquerda à carteira e eu só lhe dizia que enquanto não me soltasse a mão eu não fazia nada. Era ela na escola e o meu pai em casa, o castigo foi muito severo, mas não conseguiram mudar-me. Tive outras professoras que também me dificultaram a vida, mas eu segui em frente. Nesta altura frequentava a 4^ª classe na escola de Águas Santas, Póvoa de Lanhoso e a 5 de Novembro de 1965 vim para Amares e comecei a frequentar a escola do Eirado. O ensino era diferente de um concelho para o outro, de maneira que fiquei sem perceber nada de nada, mas recordo que fui muito maltratada nesta escola.

A minha professora, a D. Glória, que devia ter perto dos seus 50 anos, ao descobrir que eu fazia tudo com a mão esquerda, fez de tudo e mais alguma coisa, para me corrigir. Dizia ela que além de eu ter uma letra muito perfeita, não me conseguiu mudar e culpava os meus pais e professores por não terem a capacidade de me corrigir e assim fui arrumada para o lado, tendo desistido de me ter tentado mudar porque a culpa não era dela. No princípio de Maio disse que nunca tinha levado um canhoto a exame e que eu não iria ser a primeira. Fiquei muito triste, mas também sabia que não estava bem preparada para toda a matéria, mas o que mais me marcou foi ela ter dito à frente dos meus colegas que eu não sabia nada e que ela não me ensinou porque eu era canhota.

Em dois meses aprendi a escrever com a direita, o que talvez muitos em muitos anos não conseguiriam. Comprei cadernos de duas linhas e treinei sem descanso, muitas vezes o cansaço vencia-me e eu acabava por adormecer com o caderno no colo, que o meu pai me tirava e me aconchegava na cama e apagava a luz.

No ano seguinte eu já escrevia com a direita, mas se fosse ao quadro tinha que me socorrer da esquerda. Na altura dos exames havia uma prova de costura e de bordados e eu não sabia dar um ponto com a direita, por isso falei com a professora e ela incentivou-me a seguir em frente, embora não fosse ela que iria avaliar o trabalho.

Fui fazer a 5^ª e a 6^ª classe na telescola que funcionava na casa do povo. Assistíamos às aulas pela televisão e as professoras explicavam as matérias e os testes eram enviados pelos organizadores da telescola. Na altura fomos fazer o exame da 6^ª classe a Braga, na Escola Alberto Sampaio e eu fiquei com a média de 13 valores e mais umas décimas, mas também nunca fui uma boa aluna.

Fui para a escola Carlos Amarante, para continuar os estudos, mas depois de ter iniciado muito bem, em dezembro adoeci e faltei a muitos testes, acabando por chumbar, embora tivesse continuado até ao final do ano. O meu pai queria que eu continuasse a estudar, mas vendo os

problemas que causava em casa acabei por não ir. Gostava de ter estudado mais, para seguir o meu sonho de ser hospedeira, pois todos diziam que eu tinha corpo para isso, mas resolvi procurar trabalho. Eu queria um trabalho de “caneta” como costumava dizer e acabei por ir praticar para o Cartório Notarial de Amares, onde passei 22 meses da minha vida recebendo apenas as gorjetas que me dessem e assim foi o meu pontapé de saída para a função pública.

Aos 19 anos fui emancipada para poder concorrer a um lugar de escriturária para o Cartório Notarial de Terras de Bouro. Aí passei os 10 melhores anos da minha vida, fui sempre muito bem tratada por toda aquela gente que ainda estão no meu coração.

Entretanto vagou um lugar para 2º ajudante da Conservatória do Registo Civil e Predial de Amares e eu concorri. Fui destacada para Amares, tendo tomado posse em 5 de Agosto de 1983, altura em que começaram tempos difíceis, até conhecer bem as pessoas com quem trabalhava. Alguns colegas, em especial, os cá da terra eram os piores pois tinham ciúmes de mim por eu falar bem com o conservador que sempre me tratou bem, ficando a ser uma pessoa minha amiga. Consoante os anos iam passando, fui conhecendo melhor os colegas, mas novos problemas iriam chegar, com novos colegas e com a nova chefia, sentindo-me como elemento descartável. Trabalhei 42 anos na função pública, adorei o meu trabalho, mas achei que era chegada a hora de acabar com as mesquinices e invejas e acabei por pedir a reforma. Hoje estou bem, tenho todo o tempo disponível que quero e desde que me aposentei, faço uma ou duas viagens ao estrangeiro, desta forma já visitei 14 países, em viagens organizadas. Ajudo em tudo o que posso as minhas filhas e por fim voltei à escola na Universidade Sénior de Amares.

Fernanda Pires da Silva, aluna da Universidade Sénior de Amares.